



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual.

Interseccionalidade, invisibilidade pública e as mulheres garis do Rio de Janeiro

Victória Murta Marinho¹

Resumo: Fomenta o presente artigo a tentativa de elucidar, a partir de uma visão interseccional, como as relações de poder, perspectivas de classe, gênero, raça e etnia moldam o imaginário social, sendo esse, capaz de invisibilizar e violentar simbolicamente os grupos considerados minoritários - nesse estudo, tendo como foco as trabalhadoras garis do Rio de Janeiro. Parto de uma concepção geral de interseccionalidade, como ferramenta analítica, e integro tal conceito ao cenário em que as profissionais de limpeza urbana da Comlurb estão inseridas. Para isso, apresento números referentes aos marcadores sociais dentro da Instituição e os confrontos com fenômenos vividos na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Feminismo. Invisibilidade. Limpeza urbana.

Intersectionality, public invisibility and street trash collector in Rio

Abstract: This article encourages the attempt to elucidate, from an intersectional view, how power relations, perspectives of social class, gender, race and ethnicity shape the social imaginary, which is capable of making invisible and symbolically violating groups considered to be minorities - in this study, focusing on street trash collectors in Rio de Janeiro. I start from a general conception of intersectionality, as an analytical tool, and integrate this concept into the scenario in which Comlurb's urban cleaning professionals are inserted. For this, I present numbers referring to the social markers within the Institution and the comparison with phenomena experienced in Brazilian society.

Keywords: Intersectionality. Feminism. Invisibility. Urban cleaning.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo problematizar a invisibilidade pública e a violência simbólica vivida, diariamente, pelas profissionais de limpeza urbana do Rio de Janeiro - as garis da Comlurb. Para isso, parto de alguns questionamentos: Como um uniforme laranja tão vistoso e costumeiro pode ser capaz de apagar as pessoas os utilizam? Qual é a origem de tal invisibilidade? Por que a sociedade, como um todo, violenta de maneira tão emblemática esses indivíduos?! Seriam fenômenos recentes, ou históricos? Quais os fatores que constroem o imaginário social e o *modus operandi* da sociedade brasileira?!

¹ Jornalista. Mestranda em Política Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: contatovictoriamurta@gmail.com.

Para alicerçar a pesquisa, parto da perspectiva Interseccional, um conceito sociológico que orienta análises a partir de categorias, alumiando estudos com base na observação atenta das interações dos marcadores sociais, sobretudo, na vida de grupos minoritários. Junto a isso, analiso as informações obtidas através do Portal da Transparência do governo - disponíveis para todo cidadão que tenha interesse -, sobre as categorias sociais desse grupo específico. Tenho como finalidade buscar um debate plural e horizontal, a fim de chegar a mais pessoas, para além da academia - além de contribuir com o déficit de pesquisas acadêmicas acerca do tema.

1. INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA

(...) a luta para acabar com o racismo e o sexismo eram naturalmente interligadas, separá-las seria o mesmo que negar uma verdade básica de nossa existência: raça e sexo são ambas facetas imutáveis da identidade humana. (hooks, 2019, p.35)

Construções patriarcais e racistas, desigualdades no mercado de trabalho, submissão de grupos minoritários - sua consequente naturalização - e violência simbólica são alguns fatores que moldam as relações entre os indivíduos em sociedade. Formulam-se concepções na tentativa de entender o complexo funcionamento dos encadeamentos entre os indivíduos, mas é importante compreender que conceitos formulados dentro da academia são, na maioria das vezes, construções e resultados de vivências fora dela. O que pretendo ressaltar aqui, é que a importância de aproximar tais conteúdos aos fenômenos vividos na sociedade, é essencial para que eles sejam capazes de chegar a mais pessoas, tornando-se um debate plural e visando transformações práticas. Dessa maneira, concordo que

a epistemologia feminista, em nosso entender, deve ser compreendida como um saber e uma prática ativista, preocupada com a construção de um saber comprometido com a realidade e as lutas de diferentes mulheres. (MEDEIROS; FREITAS, 2021, p.90).

Originalmente, Interseccionalidade é um conceito oriundo do Movimento Feminista Negro, pensado por mulheres que não tinham suas pautas reconhecidas no feminismo liberal e branco, tampouco na luta racial dos homens negros. De um lado encontravam um movimento de gênero segregacional e, no outro, enfrentavam o sexismo provindo de uma sociedade historicamente patriarcal. Sem o reconhecimento em ambas

as lutas, mulheres de cor se articularam em prol de um movimento que pautasse suas histórias, seus objetivos e intersecções entre opressões de raça², sexualidade, gênero³ e classe.

Assim como o conflito do século XIX entre o sufrágio do homem negro *versus* o sufrágil da mulher colocou mulheres negras em situação difícil, mulheres negras contemporâneas sentiam que pediam a elas para escolherem entre um movimento negro que servia essencialmente aos interesses de patriarcas negros e um movimento de mulheres que servia essencialmente aos interesses de mulheres brancas racistas. (hooks, 2019, p.29)

Nesse sentido Kimberlé Crenshaw apresenta duas formas de manifestação da invisibilidade interseccional: a subinclusão e superinclusão. A "subinclusão" ocorre quando há um problema que é claramente de gênero e que não é incluído na agenda geral de gênero por afetar apenas um subgrupo de mulheres” (CRENSHAW, 2004, p. 14). Já a superinclusão, ocorre quando o eixo gênero é interpretado como o único marcador possível para interpretar a situação em que as mulheres estão inseridas na sociedade. Nesse caso, eixos de dominação são desconsiderados, parte-se de uma ideia de universalidade.

Amplamente utilizado por acadêmicos e acadêmicas nas últimas décadas, um dos objetivos da Interseccionalidade é não somente compreender como as estruturas são moldadas e mantidas, mas, também, a partir de uma perspectiva política, perceber quando movimentos feministas e movimentos antirracistas deixam fora da pauta questões de outros grupos oprimidos - como é o caso de mulheres pretas e grupos LGBTQIA+. Nesse sentido, segundo Collins e Bilge,

a interseccionalidade é uma importante ferramenta analítica oriunda de uma práxis-crítica em que raça, gênero, sexualidade, capacidade física, status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são constructos mútuos que moldam diversos fenômenos e problemas sociais.
(Collins e Bilge. 2020, p. 3).

² A raça engloba características fenotípicas, como a cor da pele, por exemplo. Quando se fala em etnia, há, para além, fatores culturais, como a nacionalidade, religião, línguas e tradições de um grupo específico. Ambos os conceitos estão ligados, mas não possuem o mesmo significado.

³ O conceito de gênero propõe pensar que a causa das desigualdades não é natural ou biológica, mas, sim, cultural e social. Gramaticalmente, no dicionário português, há a definição "Categoria gramatical que se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro" ou, ainda "Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais." Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Um marco desse movimento foi a atuação de Kimberlé Crenshaw, na década de 80, teórica feminista negra estadunidense que sistematizou o conceito, com o objetivo direto de enfrentamento das desigualdades que ela mesmo sofria. Outras mulheres como bell hooks, Audre Lorde, Angela Davis e as brasileiras Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento também dedicaram seus estudos para abordar o tema. Todas essas escritoras têm importância grandiosa nos avanços da luta feminista, sobretudo no Movimento Negro e grupos considerados minoritários.

Em resumo, gosto de pensar na interseccionalidade como um mar aberto de navegação difícil e complexa (COLLINS; BILGE. 2020). Ela está por todos os lados, esquecida por uns, desacreditada por outros, mas, sempre lá, moldando as relações e, quando percebidas, incomodando as estruturas de poder. Seja por eixos de classe, gênero, sexualidade, idade, capacidade física, nacionalidade, as categorias sempre se cruzam e se sobrepõem. Portanto, os fenômenos só serão compreendidos quando tal perspectiva for base de estudo.

2. GARIS DA COMLURB: RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO, RAÇA, E CLASSE

Não conseguiremos criar uma imagem precisa da posição social da mulher simplesmente chamando atenção para o papel que é designado às mulheres submetidas ao patriarcado. Mais especificamente, não conseguiremos criar uma imagem precisa do status das mulheres negras, focando apenas em hierarquias raciais. (hooks, 2019, p.34).

Como se não bastasse a invisibilidade pública inerente aos garis da Companhia Municipal de Limpeza Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (Comlurb), as mulheres ocupam um espaço ainda mais complexo, envolvendo questões de raça, classe e gênero. Se, por um lado, um ambiente tradicionalmente masculino, opera, atualmente, com mulheres exercendo funções semelhantes e sugere-se assim, uma inserção de gênero para um mercado de trabalho mais igualitário, por outro, nota-se uma contínua repetição de padrões sexistas, de violência simbólica e segregacional.

A Instituição responsável pela limpeza do município do Rio é considerada a maior organização de limpeza pública na América latina. Atualmente, ela é composta por 13.731 funcionários nas ruas, sendo 37,7% desse grupo, mulheres. A disparidade de gênero no corpo dessa profissão é um fator tradicional, afinal, historicamente, trabalhos braçais e exercidos nas ruas eram feitos, majoritariamente, por homens.

Apesar do número de mulheres ter crescido com o passar do tempo, elas ainda ocupam poucas áreas das principais atribuições. Dos serviços fornecidos pela Comlurb, as mulheres são maioria nas varreduras e em trabalhos considerados "leves". Poucas ocupam a função do caminhão, por exemplo, por este ser considerado um trabalho braçal mais "pesado".

Segundo dados do IBGE, na pesquisa do Pnad realizada em 2022, hoje as mulheres ganham, em média, 20,5% a menos que os homens. Em 2012 esse número era de 26,4%, ou seja, houve um avanço muito pequeno para uma década de transformações. Sendo que, se compararmos, ainda, os níveis de escolaridade, as mulheres saem na frente.

A proporção de pessoas de 18 a 24 anos que frequentam o ensino superior no país é de 29,7% entre as mulheres, enquanto os homens são 21%. E, se ressaltarmos a dupla jornada de trabalho e a condição de serviços domésticos que recaem sobre as mulheres, podemos constatar um trabalho ainda maior. (IBGE; 2019).

Das garis da Comlurb, não há nenhuma com menos de 23 anos e nem 50 delas possuem menos de 28 anos, a maioria está entre os 39 e os 43. O nível de escolaridade é um fator que varia um pouco: do grupo completo - 13.731 homens e mulheres -, duas pessoas são analfabetas e apenas doze têm pós-graduação finalizada. A maior parte ocupa o conjunto de "segundo grau finalizado" - são 5.865 funcionários e funcionárias.

Ainda analisando os números, poucas são as profissionais que tiveram cursos superiores ou de especialização, o que evidencia uma característica relevante do perfil dessas profissionais e, ainda, ressalta a importância de ações afirmativas do Estado, conforme afirma MIRANDA (2017): "visto que o estudo pode fornecer os meios adequados para emancipação de grupos vulneráveis (negros, mulheres e pobres)." (p.110).

Quando seguimos refletindo sobre os números, encontramos marcadores ainda mais relevantes e evidentes no nosso país: As questões de raça. Dos 13.731 garis, 61% se consideram pretos ou pardos e 15% não responderam. Historicamente, profissões subvalorizadas são ocupadas por pessoas pretas, com baixo nível de escolaridade e classes sociais consideradas baixas - fatores resultantes de um processo de colonização e escravidão vivido por mais de 300 anos no país, e sua conseqüente abolição frágil e impermanente.

De tanto misturar cores e costumes, fizemos da mestiçagem uma espécie de representação nacional. De um lado a mistura se consolidou a partir de práticas violentas, da entrada forçada de povos, culturas e experiências na realidade nacional. Diferente da ideia de harmonia, por aqui a mistura foi matéria do arbítrio. Ela é resultado da compra de africanos, que vieram para cá obrigados em números muito superior ao dos que foram levados a outras localidades. O Brasil recebeu 40% dos africanos que compulsoriamente deixaram seu continente para trabalhar nas colônias agrícolas da América portuguesa, sob o regime de escravidão, num total de cerca de 3,8 milhões de imigrantes. Hoje, com 60% de sua população composta de pardos e negros, o Brasil pode ser considerado o segundo mais populoso país africano, depois da Nigéria. (SCHWARCZ; STARLING. 2015).

Até aqui, constatamos um número alto de pretos e pretas, baixo nível de escolaridade e uma idade avançada dos profissionais. Refletindo, percebemos um corpo profissional caracterizado sobretudo, por maiorias - chamadas, predominantemente, de minorias - marginalizadas e oprimidas. Sueli Carneiro, doutora em Filosofia da Educação e um dos nomes mais importantes do Movimento Feminista Negro, afirma,

(...)para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancas significa experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que homens e negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas. (CARNEIRO, 2003, p.119).

Se analisarmos como um formato de pirâmide, podemos encontrar homens brancos no topo, seguidos por mulheres brancas, homens negros e, por fim, mulheres negras. Essa ainda é a construção da sociedade como um todo e, conseqüentemente, a que molda as relações interpessoais, como revela Lélia Gonzalez, ao ressaltar que,

(...) em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o *status* dos gêneros. (...) também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. (GONZALEZ, 2003).

Outro eixo relevante para uma perspectiva interseccional dos profissionais garís no Rio de Janeiro, é a região onde residem esses trabalhadores. A maioria mora em bairros da Zona Oeste do município, sendo esse o território com maior concentração de comunidades da cidade. Para o uso da Interseccionalidade como ferramenta analítica, sugere-se uma abordagem que também leva em consideração questões econômicas e de classe, principalmente por se tratarem de eixos relevantes para a construção do imaginário social.

Ao analisar os marcadores sociais da maioria das profissionais da Comlurb, pode-se perceber que, dentre todas as convergências, raça é a categoria base que mais inferioriza esses indivíduos e está sobreposta a todas as outras. Atualmente, a proporção de pretos e pardos em situação de pobreza no Brasil é praticamente o dobro em relação às pessoas brancas. Do total, 34,5% são pretos, 38,4% se consideram pardos e somente 18,6% brancos (IBGE; 2021)⁴. Homens e mulheres de cor também são maioria em empregos considerados de base⁵, comprovando a força do racismo estrutural que segrega homens e mulheres pretas da ascensão social, econômica e da garantia de segurança.

Acompanho Kimberlé Crenshaw, pois uma vez protegidos do racismo, podemos nos proteger de toda e qualquer violência e lutar por mais tempo contra as necropolíticas. Por mais que argumentem que a interseccionalidade reitera o discurso da punição, no campo prático, nenhuma de nós gostaria de ver o assassino da feminista negra lésbica vereadora Marielle Franco em liberdade, aquela mulher negra atingida na encruzilhada do racismo, sexismo e lesbofobia, atirada ao trânsito colonial voltado contra mulheres negras. (AKOTIRENE; 2019)

3. CAMINHANDO PARA REFLEXÕES FINAIS

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. (TRUTH, 1851).

Este é só um trecho do discurso - potente e atemporal - proferido pela feminista negra Sojourner Truth, em maio de 1851, na cidade de Ohio, Estados Unidos. O Congresso reunia muitas pessoas para discutirem os Direitos das Mulheres e, poderia, tranquilamente, ser um debate sobre os mesmos Direitos nos dias atuais - para além do território norte-americano. Considerado um marco nas relações entre o feminismo e o abolicionismo, a intervenção reivindicava o básico, sobretudo para as mulheres negras, deixadas para trás pela luta de raça e de gênero. Neste momento, não havia um arcabouço

⁴ Considera-se, nesta pesquisa, a linha de pobreza monetária proposta pelo Banco Mundial. Para mais, acessar <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>.

⁵ Para observar o infográfico elaborado pela RAIS 2016, através do cruzamento de dados oferecidos pelo Ministério do Trabalho, acessar: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>.

teórico formal sobre o conceito de interseccionalidade, mas, é possível ver o quanto essa ferramenta já era utilizada nas lutas de muitas ativistas da época, sobretudo as feministas negras.

Trazendo para um momento mais recente, bell hooks sinaliza bem como a luta feminista é marcada por muitos fatores distintos e como o discurso é capaz de revelar o lugar de quem fala. Por exemplo, quando a autora afirma "no momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino, o fato de eu ter nascido negra e o fato de eu ter nascido mulher." (hooks, 2019, p.35)

Dos maiores aprendizados que o conceito de Interseccionalidade me concedeu, destaco a compreensão de que nem sempre estamos analisando grupos distintos, mas, muitas vezes, sobrepostos. Por trás de uma profissional gari, há Julianas, Cláudias, Vanessas, Marias... Mulheres com identidades, cor de pele - majoritariamente preta -, residentes, na maioria das vezes, em regiões periféricas, sem muitas oportunidades de estudos, com idades mais avançadas, que sofrem silenciosamente e são esquecidas por uma sociedade capaz de reduzi-las a uma só identidade: a gari.

O que ocorre, em última instância, é que o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base. Essa é a discriminação contra grupos específicos. (CRENSHAW, 2002. p.12).

Compreender as práticas discriminatórias, as estruturas de poder e as intersecções dos marcadores sociais, pode ser o primeiro passo para encontrarmos novos rumos para a invisibilidade pública e a violência simbólica vividas pelas mulheres que limpam as ruas do Rio de Janeiro. Sobretudo, no que diz respeito às Instituições. A Comlurb, por exemplo, não fornece dados referentes às questões de gênero do grupo LGBTQIA+, assim como os dados religiosos dos profissionais, o que é consideravelmente importante para uma análise completa das categorias e dos fenômenos envolvidos.

A intenção aqui não é esgotar o tema, mas sim, abrir espaço para lentes multifocais, capazes de enxergar diferentes eixos sociais, suas sobreposições, convergências, divergências e, a partir dessa compreensão, estimular o pensamento crítico para além dos estudos acadêmicos. Ao compreendermos a nossa história, as relações de poder, a maneira como as instituições não só criam, mas fomentam determinados fenômenos, nos tornamos capazes de alterar o *modus operandi* de uma

sociedade historicamente racista, sexista e preconceituosa frente a qualquer tipo de diferença.

É preciso pensar raça como eixo sobreposto a gênero que, por sua vez, se sobrepõe a classe, e assim com outros marcadores. Enxergando fenômenos sociais a partir desta linha crítica, compreendemos a contradição que há no fato das mulheres perderem suas identidades e se tornarem invisíveis ao vestirem seus uniformes laranja tão vistosos. Entendemos também, que a abjeção e a invisibilidade sofrida por elas, não vem unicamente pelo trabalho ligado ao lixo - já considerado, pela sociedade, como indigno, sem valor e sujo. Mas, também, pelo tom da pele, a origem, baixa escolaridade, baixa renda... Um conjunto de discriminações alicerçadas por preconceitos estruturais, que afetam diretamente as suas vidas. Como ressalta Crenshaw,

Precisamos reconfigurar nossas práticas que contribuem para a invisibilidade. Isso inclui integração de diversos movimentos e inclui a nomeação de uma mulher para chefiar a seção que cuida da discriminação racial e não considerar isso incomum de forma alguma. Essas são medidas que podem ser tomadas para quebrar a tendência de pensarmos sobre raça e gênero como problemas mutuamente exclusivos. Precisamos adotar uma abordagem de baixo para cima na nossa coleta de informações. Parar de pensar em termos de categorias, em termos de gênero e de raça, de cima para baixo.(CRENSHAW, 2002).

Em suma, este artigo está longe de buscar um fim, trago reflexões com o objetivo principal de movimentar conhecimento como uma prática transformativa. (MEDEIROS; FREITAS, 2021). Pessoas negras e pobres são as que mais ocupam a mão de obra do país, mas não as que mais ascendem - economicamente e socialmente. É evidente que, a priori, há uma composição histórica de sociedade que molda toda essa construção: racismo estrutural, uma sociedade patriarcal, misógina, o preconceito histórico o qual são tratadas pessoas do grupo LGBTQIA+ - antes tratados, inclusive, como doentes psiquiátricos -, fora a percepção de superioridade da elite brasileira. Um *modus operandi* obsoleto e limitado, mas que ainda atua como maioria.

O que pretendo nessas linhas, é criar um ensejo para reflexões sobre a formação e a manutenção das relações de superioridade, causadoras de uma violência cotidiana latente. E, como, a partir de uma perspectiva Interseccional, podemos compreender o funcionamento desse fenômeno. Como aponta Crenshaw, "a interseccionalidade oferece uma oportunidade de fazermos com que todas as nossas políticas e práticas sejam, efetivamente, inclusivas e produtivas" (CRENSHAW, 2002, p.16).

Encerro esse artigo lembrando e associando com os fenômenos aqui analisados, a sempre atual questão levantada por Sojourner Truth, na convenção de Ohio: Vestidas de laranja e, simplesmente, exercendo os seus ofícios, as garis da Comlurb "Não são uma mulher?".

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais). Coordenação de Djamila Ribeiro.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados 17(49)**: São Paulo, p.117-132, set. 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. p. 7 - 16. 2004
- COLLINS, P. H. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. 2017. Disponível em: <http://revistas eletrônicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**: Anpocs, São Paulo, p. 223-243, fev. 1984. Anual.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**: Anpocs, São Paulo, p. 223-243, fev. 1984. Anual. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf
- hooks, bell. (1981) **Eu não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- hooks, bell. **Feminism is for everybody**. Cambridge: South End Press, 2000.
- LORDE, Audre. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. Freedom: Crossing Press, 1984, p. 114-123.
- MIRANDA, Camila de Almeida. **Mulheres garis** - relatos de invisibilidade pública e violência simbólica. Curitiba, Apris Editora, 2017.

MEDEIROS, Luciene; FREITAS, Rita. **Epistemologia Feminista e Direitos humanos: Considerações Metodológicas**. 2021. Revista Serviço Social em Debate, v.4, n.1, p. 86 - 104. Rio de Janeiro.

SCHWARCZ, Lilian; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**.— 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRUTH, Sojourner. **NÃO SOU MULHER?** 1851. Disponível em: <https://www.feminist.com/resources/artspeech/genwom/sojour.htm>.

SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Há dignidade no trabalho com o lixo?: considerações sobre o olhar do trabalhador. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 9, n. 2, p. 689-716, jun. 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200013&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 10 jan. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**). Estatísticas de Gênero- Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2021. Rio de Janeiro. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Último acesso em 08 jan. 2023.

CAVALLINI, Marta. Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE. G1, Rio de Janeiro, 11 de nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>. Último acesso em: 09 jan. 2023.